

A literatura infanto-juvenil de Rômulo de Carvalho

À À À Luã-sa Ducla Soares

A dualidade Rômulo de Carvalho | Ant3nio Gedeão tamb3m se manifesta na obra dedicada 3 inf3ncia e juventude, embora a vertente de cientista se sobreponha 3 de poeta e apenas uma pequena pe3sa em verso seja assinada com o pseud3nimo liter3rio.

Professor, metod3logo, autor de comp3ndios dedicados 3 F3-sica, 3 Qu3mica e 3 s Ci3ncias Naturais, pedagogo em3rito n3o admira que o escritor pretendesse transpor para fora do 3mbito meramente escolar a divulga33o de temas relacionados com a ci3ncia e a tecnologia, que t3o bem dominava e para ele constitu3-am uma rigorosa paix3o.

A tradi33o deste g3nero liter3rio entre n3s iniciara-se na primeira d3cada do s3culo XX, com a publica33o de Hist3rias de animais, sua vida, costumes, anedoctas, f3bulas, etc.3 No33mes amenas de zoologia para crian3as de autoria de Jos3 Quintino Travassos (1909).

Virg3nia de Castro e Almeida, mais conhecida por outros t3-tulos que lhe granjearam um lugar de destaque, deu a lume, pouco depois, Pela Terra e pelo Ar, No33mes de Entomologia (1911) e, dois anos mais tarde, As Li33mes do Andr3 (No33mes de Ci3ncias).

À

Quase simultaneamente, Jo3o da Mota Prego, agr3nomo, enveredou pela elabora33o de livros romanceados que revelavam aos mais novos a realidade da vida agr3cola, da produ33o pecu3ria e assuntos afins com uma sucess3o de livros como O pomar do Adri3o, A leitaria da Rosalina, A lagoa de Donim: piscicultura, A horta do Tom3, Os netos do Nicolau: sericultura.

Fernand3 Almiro inaugurou, em 1942, a 3«Biblioteca dos meus filhos3» com a Hist3ria da avia33o contada 3 s crian3as.

Duas outras figuras, muito distintas, vieram a conquistar visibilidade no campo da divulga33o para jovens. Agostinho da Silva, notabilizado fundamentalmente pela obra dedicada aos adultos, fez sair, com a chancela da Seara Nova, A vida dos Esquimaus (1938), vindo a publicar, a partir de 1943, toda uma colec33o, intitulada 3«3 volta do Mundo 3» Textos para a Juventude3», que engloba temas que v3o desde Como se faz um t3nel at3 Viagem 3 Lua, Os Primeiros Avi3mes, Vida das Enguias, Aventuras com Tubar3mes.

Paralelamente come3sou a impor-se Adolfo Sim3mes M3ller, profissional da escrita para os mais novos, que na colec33o 3«Gente Grande para Gente Pequena3», destinada a jovens entre os 12 e os 16 anos, apresentou 3«o romance dos homens que, pela intelig3ncia e pelo cora33o, pelo sonho e pelo esfor3o, contribu3-ram para o bem da humanidade e para tornar a Terra maior3». Entre as m3ltiplas biografias sobressaem as de Madame Curie (A pedra m3gica e a princesinha doente) e de Edison (O homem das mil inven33mes), editadas em 1945 e 1947.

Foi nesta tradi33o que o em3rito docente do Liceu Pedro Nunes se veio a inserir, tra3sando embora rotas muito pessoais. Trouxe para a li3sa a cultura cient3fica, abordada por um cientista, e o sonho de despertar a curiosidade, o interesse activo dos estudantes por temas at3 ent3o nunca abordados entre n3s fora do contexto escolar.

R3mulo de Carvalho iniciou-se prematuramente nas 3jreas em que se havia de evidenciar, escrevendo o primeiro poema aos cinco anos e estreando-se como professor a partir dos oito, idade em que terminou a instru33o prim3ria, com uma autoriza33o especial do Minist3rio da Educa33o. Impedido de entrar de imediato no ensino secund3rio, manteve-se no col3gio onde estudara, ajudando os professores a dar aulas aos alunos mais atrasados.

Ele pr3prio confessou o seu gosto infantil pela exposi33o: 3«Lembro-me que quando era crian3a estudava as li33mes a expor, a falar com as portas, as paredes, as janelas, a repetir o que aprendia como se estivesse a ensinar aos objectos3».

À

Na mesma entrevista , narrou como foi prosseguindo:

"Quando ainda estava a acabar o liceu, comecei a dar li33mes para ganhar algum dinheiro, e apercebi-me que os explicandos se agradavam muito da forma como eu ensinava, particularmente na parte cient3fica. E apercebi-me tamb3m de que tinha uma certa inclina33o [3!] para a reflex3o sobre temas cient3ficos."

Embora se sentisse igualmente vocacionado para as Letras, a que obteve aliás notas mais elevadas, decidiu-se pelas Ciências, facto de que nunca veio a arrepender-se.

A sua obra dedicada aos mais novos, para além dos manuais, é essencialmente constituída por duas importantes colecções que vieram a marcar gerações de jovens e comprovadamente aguçaram o espírito de futuros investigadores.

Em 1952 iniciou, na editora Atlântida, de Coimbra, a colecção «Ciência para gente nova», na qual assinou, ao longo de uma década, todos os títulos, com excepção do 6.º, a História do Sangue de Ilídio Sardoeira. Passamos a enumerá-los:

- 1 «História do Telefone, 1952
- 2 «História da Fotografia, 1952
- 3 «História dos Balões, 1953
- 4 «História da Electricidade Estática, 1954
- 5 «História do Átomo, 1955
- 6 «História do Sangue, 1957
- 7 «História da Radioactividade, 1957
- 8 «História dos Isótopos, 1962
- 9 «História da Energia Nuclear, 1962

Era, à época, a única colectânea portuguesa de divulgação científica para crianças e, até hoje, nenhum amplo projecto similar veio a lume.

Carlos Fiolhais, seu seguidor, reconhece que leituras como a da História da Energia Nuclear tiveram o condão de o atrair definitivamente para a causa científica, por lhe revelarem uma ciência não acabada, sem proporções rígidas, mas imersa num contexto histórico, de descoberta, de tentativa e erro. O seu mestre «Insistiu que a ciência, nomeadamente a mais moderna, é feita de construção, de curiosidade e esforço de homens e mulheres reais. Disse-nos que a ciência estava viva e se recomendava».

Estes livros são profusamente ilustrados com gravuras antigas, que contribuem para dar uma perspectiva histórica, modelos, gráficos, desenhos actuais que têm em vista a figuração bem explícita de objectos ou experiências. Um deles, a História dos Isótopos, apresenta uma capa de António Gedeão, alter ego do professor que, além de poeta, também como artista plástico se expressava.

Se o volume atrás referido se reveste já de certa complexidade, os três primeiros vão ao encontro de interesses bem elementares de crianças e utilizam uma linguagem perfeitamente adequada à pré-adolescência.

A ciência foi a sua religião, considerando que a manipulação pelo homem de fenómenos físicos produz verdadeiros, inofensíveis milagres, a que podemos assistir, em que podemos participar, como numa aventura. Senão, vejamos o que afirmou na História da Fotografia:

«

"A descoberta da fotografia é uma das realizações mais extraordinárias que o génio do homem tem conseguido. Por meio dela eternizamos o que é passageiro, tornamos a ver o que já passou, continuamos vivos depois de mortos. Pega-se na pequena caixa preta, dirige-se para a pessoa que se estima, para o objecto que nos agrada ou a paisagem que nos encanta,

«move-se uma pequena alavanca e o milagre está realizado."

»

Aguçou o gosto pela observação, espicou o desejo de saber latente em todas as crianças, incentivando a que, da simples, estática observação, evoluíssem para a fase das interrogações, procurando a explicação das coisas, pois considerava essa a base do espírito científico. Não se limitou também à apresentação de problemas científicos e soluções tecnológicas, optando por contar, paralelamente, histórias, factos curiosos, até anedotas. Revelou biografias que constituem marcos da ciência e da humanidade. Os «Cadernos de Iniciação Científica», publicados pela Sá da Costa, entre 1979 e 1985, são ainda mais numerosos, incluindo os seguintes volumes breves, que não excedem uma dúzia e meia de páginas:

- 1 «A Descoberta do Mundo Físico, 1979
- 2 «A Experiência Científica, 1979

- 3 â€“ A Natureza Corpuscular da Matéria, 1979
- 4 â€“ Moléculas, átomos e Iões, 1979
- 5 â€“ A Estrutura Cristalina, 1980
- 6 â€“ A Energia, 1980
- 7 â€“ As Forças, 1981
- 8 â€“ O Peso e a Massa, 1981
- 9 â€“ As Reacções Químicas, 1981
- 10 â€“ A Composição do Ar, 1982
- 11 â€“ A Pressão Atmosférica, 1982
- 12 â€“ A Electricidade Est tica, 1982
- 13 â€“ A Corrente Eléctrica, 1983
- 14 â€“ Magnetismo e Electromagnetismo, 1983
- 15 â€“ A Electrónica, 1983
- 16 â€“ A Radioactividade, 1985
- 17 â€“ A Energia Radiante, 1985
- 18 â€“ Ondas e Corpúsculos, 1985

O texto de apresentação da série expressamente os destinou a jovens estudantes dos 9 aos 15 anos, afirmação que em volumes posteriores deixou de ocorrer, talvez por autor ou editor terem concluído que seria optimista, mas pouco razoável, a expectativa de serem lidos por garotos acabados de sair do primeiro ciclo do ensino básico:

"pretendem ser um meio de informação atraente, pela simplicidade da linguagem e pela apresentação gráfica, de conceitos fundamentais das ciências físicas sem os quais se torna duvidosa a aquisição consciente de conhecimentos de níveis elevados. De facto a experiência escolar dos professores tem mostrado que uma das causas de insucesso dos estudantes nos cursos complementares resulta exactamente da insegurança com que esses estudantes utilizam as ideias de base, sem as quais não lhes   possível progredir nos estudos. Os presentes Cadernos não respeitam nenhuma programação oficial mas acompanham-na, como não podia deixar de ser, na intenção de transmitir conhecimentos indispensáveis para a interpretação dos fen menos que estão na base de toda a construção científica. O autor, sempre pronto a aceitar críticas e a corrigir erros, aguarda a opinião dos seus leitores a respeito destes Cadernos."

No volume sobre electrónica abordou a figura incontornável de Edison, formulando, a propósito, a distinção fundamental entre homem de ciência e inventor:

"Edison ignorava a ciência, as suas hipóteses, as suas leis, a que não atribuía importância de maior. Em pequeno s  frequentou a escola durante três meses, sem ser por dificuldades econ micas, e pouco proveito da  tirou. O que sempre quis, durante a vida inteira, foi fazer coisas, imaginar e realizar, indiferente   s doutrinas científicas relativas aos trabalhos técnicos que o preocupavam."

Concluiu que o sistema não era de aconselhar:

"A base de toda a técnica é a ciência, e só esta pode fornecer ao técnico as informações indispensáveis para que o seu trabalho se coloque no caminho próprio, alcançando em menos tempo, e em melhores condições, os fins a que se propõe chegar."

Ao debruçar-se sobre a natureza e a ciência, não podia deixar de se impressionar com a sua beleza, tal como Fernando Pessoa (pela voz de  lvoro de Campos) ao assegurar que é «O bin mio de Newton   tão belo como a V nus de Milo. O que há   pouca gente para dar por isso ». Assim, no volume 5, sobre estrutura cristalina, invocou reminiscências literárias de Os Lusíadas, em que Camões descreveu a sala do Olimpo, com:

"as deusas em riquíssimos estrados,
os deuses em cadeiras de cristal."

recordando igualmente a literatura popular em que brilham os sapatinhos de cristal da Gata Borralheira.

Patenteou aos jovens que não   necessário ter um laboratório para fazer experiências científicas:

"Os primeiros anos da nossa vida são riquíssimos em tais experiências, muitas crianças, sentadas nos seus berços com a chupeta na boca ou um brinquedo na mão, deixam cair propositadamente esses objectos para o chão [ !], tais experiências assemelham-se   s dos cientistas que, de forma análoga, tiram conclusões que serão consideradas leis."

Sendo a cultura inimiga da pressa, repetidamente aconselhou os leitores a procurarem assimilar conhecimentos básicos

antes de passarem a uma fase seguinte. Era o professor quem assim falava, baseado nos conhecimentos didácticos, que dele fizeram um insigne metodólogo do Liceu Pedro Nunes.

Se foram as duas colecções de divulgação científico-ficção atribuídas que o tornaram um autor incontornável no campo da literatura infanto-juvenil, não podemos no entanto esquecer duas outras obras, de carácterísticas completamente diferentes, uma delas escrita nos inícios da década de 40 e que só postumamente veio a público e outra, em verso, firmada por António Gedeão, que saiu em 1981.

As origens de Portugal – História contada a uma criança são um grosso volume manuscrito, magnificamente ilustrado, destinado à leitura e partilha íntima com seu filho, então com sete anos. Nunca pretendeu o autor publicá-lo, mas em boa hora a Fundação Calouste Gulbenkian no-lo deu a conhecer em 1998, numa edição facsimilada. Aposto na relação directa, coloquial, entre o escritor e o leitor/ouvinte, funcionando, de certo modo, como uma conversa, com todas as suas derivações. Apela para uma atenção activa, esperando interrogações ou solicitando respostas de quem, pela primeira vez, se defronta com os prelúdios da nossa história.

"Sabes o que é um mapa?

Já sabes onde fica Portugal?

Ora como é que nós, hoje, podemos saber as coisas que se passaram há oitocentos anos?"

Seguro da importância da ilustração apelativa, colorida para a faixa etária a que se dirigia, elaborou uma obra exuberante, em que o desenho se intercala no texto, oscilando entre a máxima exactidão científico-ficção e o humor, recorrendo inclusivamente a esquemas próximos da banda desenhada. A ilustração é o complemento indispensável da narrativa, bem como das diversas explicações que a acompanham, que, de outra forma, poderia tornar-se demasiado abstracta. Por isso não hesitou, em determinadas passagens, em aconselhar que o melhor era ver o «bonequinho».

Para a maioria das crianças a proto-história de Portugal e os primeiros anos da nacionalidade são perigosos dificilmente assimiláveis, pelos quais os mitos passam como cão sobre vinha vindimada, desinteressados de povos desconhecidos que se sucedem a outros igualmente desconhecidos, que viveram em terras com nomes caídos em desuso. Não possuindo uma noção do tempo histórico, as datas que os fazem fixar não têm sentido e guardam muitas vezes desse perigo apenas uma visão turva, semeada de batalhas e conquistas.

Pois Riçulo de Carvalho entrou, sem reservas, no mundo das vivências infantis. Ao falar das lutas entre cristãos e sarracenos, sintetizava assim a atitude dos guerreiros do norte: «atiraram-se aos mouros como tu costumavas atirar-te aos doces. Foi o que se chama uma limpeza».

O que de mais importante e original se me afigura nesta abordagem histórica é a preocupação da exactidão, da verdade, da imparcialidade, não compactuando com os modelos então em voga no Estado Novo (e não só), sempre prontos a omitirem, deformarem, agigantarem a realidade, transformando os relatos históricos para crianças em narrativas heróicas, gloriosas. Ao invés, incentiva o sentido crítico e nomeadamente ético, em relação a personagens e factos, o respeito pela liberdade de consciência de quem professa uma religião, seja ela qual for.

Não esconde a barbaridade dos cruzados, dos cavaleiros de Afonso Henriques, trespassando com crianças velhas, mulheres, crianças, roubando a própria roupa que traziam vestida aos pobres vencidos. Descrevendo as lutas como se de um filme se tratasse, aconselha: «O melhor é tu fechares os olhos para não veres tanta desgraça».

À

Homem de forma científico-ficção arreigada, insistiu em desmitificar fantasias e patranhas enganadoras que os adultos têm por hábito impingir aos garotos:

"Não queiras acreditar nas fadas, nem nos papas, nem nos príncipes transformados em gatos e em cães, nem nos reis que passeiam de manto e de coroa na cabeça.

Os reis são homens como quaisquer outros. Quando nascem vão nus como tu quando nasceste. Comem como tu, mastigam com os dentes como tu, constipam-se como tu e, às tantas, morrem como tu."

O livro, invulgarmente extenso para um perigo que termina com D. Sancho I, suscita muitas abordagens laterais, a propósito de ensinamentos básicos de geografia, ciências naturais, cultura geral, indispensáveis à compreensão da história que, à época, era na escola papagueada como um elenco de reis com seus cognomes, batalhas com sua cronologia, destinando-se a criar na mocidade portuguesa uma visão patrioteira.

Riçulo de Carvalho deteve-se na vida quotidiana dos povos que habitaram a Península, dando a conhecer usos e costumes:

"Pois fica sabendo que os celtiberos, em vez de atirarem as pedras à mão, usavam uma engenhoca para que as pedras

fossem atiradas com muito mais força. Vou explicar-te como era essa engenhoca [a funda]."

E explicou, tal como explicou o que é o cristianismo, o que são bibliotecas, pederneiras, etc., etc., aconselhando as crianças a fazerem com os pais a experiência de atear fogo como os homens primitivos.

Descreveu pormenorizadamente um castelo, visto estas fortificações fazerem parte do imaginário infantil e serem, simultaneamente, construções vitais para o período em estudo, mas não o descreveu apenas como baluarte militar, focou a sua função na vida social envolvente. Novidade para a época, introduziu o livro-brinquedo:

"Nas folhas que se seguem encontrares desenhado um castelo para tu recortares, colares e armares [â€]. E quando fores grande não te esqueças de ir à cidade de Guimarães visitar o lindo castelo que lá está."

A linguagem é super coloquial. Nenhum escritor português utilizara expressões como a que passo a citar:

"Fazes ideia como que os lusitanos teriam ficado quando viram morto o seu grande chefe Viriato? Ficaram fulos, furiosos, danados. Se apanhassem os romanos todos ali ao pé até os matavam à dentada."

Ritmulu de Carvalho que, aos dez anos, se tinha proposto continuar Os Lusíadas, tendo publicado algumas estrofes no Notícias de Évora, não deixou de aludir à poesia na obra que temos vindo a comentar:

"Sabes o que são poetas? São os homens que fazem versos. Quando os versos são bonitos e soam bem aos ouvidos é muito agradável lê-los. Muitas pessoas aborrecidas ficam bem dispostas quando lêem versos. Por isso ser poeta é tão útil como ser grande médico ou ser grande engenheiro."

No entanto, foi só quase 40 anos mais tarde, em 1981, que, com o pseudónimo literário, veio a publicar um auto em verso, onde se encontra sintetizada a dualidade cientista-poeta.

Interpretado por companhias profissionais e amadoras para crianças (a partir dos 8 anos, segundo a apresentação do texto), tem sido representado em ateliês científicos como os que se realizam no Pavilhão do Conhecimento, no âmbito da rede Ciência Viva.

Interessado na cultura popular e tradições que sobejamente veiculava na sua obra sobre as origens de Portugal sob a forma de lengalengas e rimas, apresentou inicialmente a lenda, segundo a qual as manchas da Lua são a figura de um camponês com um molhe de lenha às costas, que o Senhor do Mundo para o nosso satélite desterrara pelo pecado de trabalhar ao domingo.

A vida atribulada, a miséria dum desgraçado sem eira nem beira faz-nos recordar alguns dos poemas para adultos que exprimem as suas preocupações com injustiças sociais e a prepotência dos mais poderosos:

"A miséria derradeira!
Anda um pobre como eu
a fossar a vida inteira
para não ter nada de seu!"

Gedê, atento ao fascínio que as narrativas fabulosas podem exercer sobre imaginações fáustas ou incautas, dando lugar a credices, não se poupou ao cuidado de alertar para a sua inadequação à verdade. Por isso a narradora desta peça esclarece:

"E lá está ele coitado!
E dali ninguém o tira!
O que vale que mentira
porque foi tudo inventado."

É falsidade da lenda junta-se a ignorância dos populares sobre a origem das manchas lunares, que vem a ser esclarecida por um astrónomo que, com um tripé mais um canudo, apresenta a realidade ampliada por lentes telescópicas.

"[â€] a superfície imensa
do astro chamado Lua
é toda aos altos e baixos
com montanhas e crateras."

És curiosas interrogações dos populares

"E hãj lãj uvas aos cachos
e nos buracos hãj feras?"

O cientista forneceu respostas seguras, explicando o poético luar como um simples fenómeno natural e enaltecendo as viagens espaciais que levaram o Homem a esse planeta.

Ex-mio fotógrafo, Gedeão optou pelo recurso à projecção de imagens, que têm um impacto espectacular, e fez mover em cena os personagens que representam o Sol, a Terra e a Lua, conseguindo, através de um jogo de luzes, dar ao vestido rodado de uma rapariga aspectos semelhantes aos das fases do nosso satélite.

A obra termina com uma dança jocosa, brincando com o adágio de que a Lua é mentirosa, por trocar o C com o D:

"Ai que giro que isto é!
Vamos todos dar ao p
porque a lua é mentirosa!"

Sempre rigorosos, Rômulo de Carvalho ou António Gedeão, não deixaram nunca de frisar, como no poema Pedra Filosofal, a importância do sonho como alavanca para o progresso individual e da humanidade.

"Eles não sabem nem sonham
que o sonho comanda a vida,
que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança."!

Foi esse sonho que exaltou nas biografias de cientistas, inventores, homens de engenho.

Que leitor da História dos balões se não recorda do pequeno Santos-Dumont, inconformado com o facto de os companheiros de brincadeira não aceitarem que os homens podiam voar? Foi o impulso desse desejo que o fez, em adulto, ganhar asas.

Ao ler os impressionantes testemunhos de quantos se deixaram seduzir, nos verdes anos, pela capacidade impar de Rômulo de Carvalho de ensinar, no laboratório e nos livros, considero que lhe devemos dirigir um agradecimento semelhante ao que ele próprio formula a um dos mais famosos pensadores e divulgadores da ciência:

"Eu queria agradecer-te, Galileo,
a inteligência das coisas que me deste.
Eu,
e quantos milhares de homens como eu
a quem tu esclareceste."
À